AS DOUTRINAS “PRECISION STRIKE” E “SHOCK AND AWE” DOS EUA

*Por Daniel Narciso Beamurguia**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Do “Choque e Pavor” ao impasse assimétrico: como a defesa em mosaico, os drones e a guerra de atrito desafiam a supremacia tecnológica e expõem os limites das doutrinas militares dos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

As doutrinas *Precision Strike* (Ataque de Precisão) e *Rapid Dominance/Shock and Awe* (Dominância Rápida/Choque e Pavor) representam o ápice do desenvolvimento das doutrinas operativas militares dos Estados Unidos no final do século XX, no período posterior à Guerra do Vietnã.

Essas doutrinas tiveram seu auge na Segunda Guerra do Golfo (1990-1991), durante a Operação Tempestade no Deserto. Foram aplicadas nas Guerras dos Balcãs, principalmente na Guerra de Kosovo e no bombardeio de Belgrado em 1999, bem como nas invasões do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003).

Tiveram sempre como pressuposto a superioridade tecnológica, aeronaval, logística e de inteligência dos Estados Unidos em relação aos seus inimigos, em qualquer teatro de operações. Contudo, na Terceira Guerra do Golfo contra o Irã, o cenário mostrou-se diferente. As mesmas estratégias aplicadas na Operação Fúria Épica, em 28 de fevereiro de 2026, não obtiveram a eficácia que essas doutrinas alcançaram no final do século passado.

Por quê? Como isso foi possível? É precisamente o que analisaremos neste artigo. Mas, para compreender essas doutrinas e suas aplicações no campo de batalha, é necessário primeiro entender seus antecedentes históricos e origens.

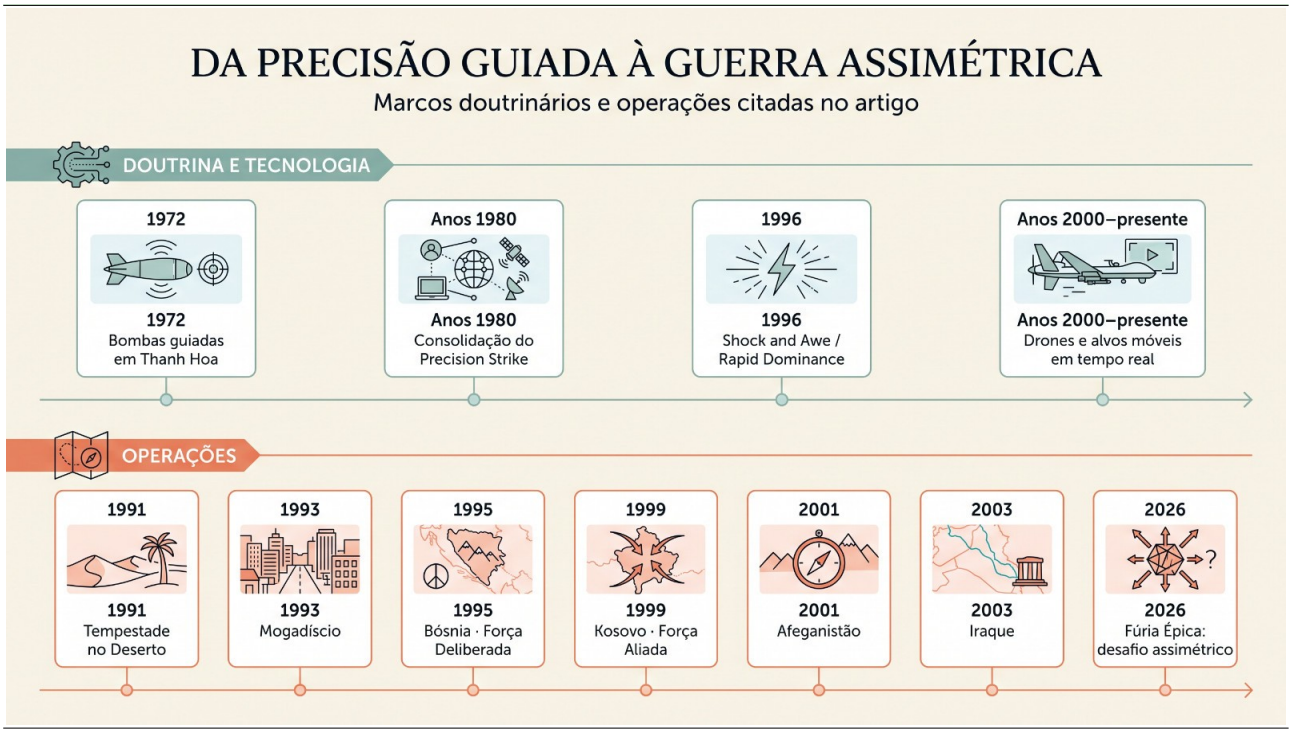


Figura 1: A linha do tempo destaca a evolução das munições guiadas e das doutrinas Precision Strike e Shock and Awe, acompanhando suas aplicações em diferentes conflitos até os desafios da guerra assimétrica contemporânea (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

ANTECEDENTES

A busca pela precisão em ataques de bombardeio é antiga, mas a doutrina moderna de Precision Strike começou a se desenhar no final da Guerra do Vietnã, com a introdução das munições guiadas por laser (LGB, como as bombas Paveway)[1] e das guiadas por câmeras de TV, utilizadas na ponte de Thanh Hoa (1972). Esse foi o primeiro passo, mas foi a partir da década de 1980 que a doutrina Precision Strike se consolidou formalmente.

1 *A necessidade de maior precisão foi consequência das perdas de mais de 4.000 aeronaves na Guerra do Vietnã (sem contar helicópteros), de forma que os aviões pudessem lançar suas bombas com maior precisão e a distâncias mais seguras.*

O motivo era a superioridade numérica da URSS e de seus aliados do Pacto de Varsóvia na Europa Central. Os estrategistas do Pentágono perceberam que não possuíam condições de vencer uma guerra de atrito puramente numérica. Era preciso neutralizar a capacidade de comando da retaguarda da defesa inimiga sem a necessidade de centenas de ataques aéreos a cegos[2].

A DOUTRINA DE ATAQUE DE PRECISÃO (PRECISION STRIKE)

Essa estratégia, também denominada *Second Offset Strategy* (Segunda Estratégia de Compensação)[3], foi idealizada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Liderado no setor de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) por figuras como William Perry, o Pentágono investiu pesadamente em sensores, tecnologias *stealth* (invisíveis ao radar), sistemas de guiamento por satélite (GPS) e sistemas C4ISR (Comando, Controle, Comunicações, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento).

Foi precisamente na década de 1990 que ocorreu a aplicação prática dessa doutrina em sua etapa mais bem-sucedida: a Segunda Guerra do Golfo (1991). Embora apenas 8% a 10% do total de munições disparadas fossem guiadas de precisão (PGM), seu impacto estratégico foi devastador, demonstrando o poder das munições cirúrgicas. Nas Guerras da Bósnia (1995) e de Kosovo (1999), as PGMs já representavam a maioria dos ataques.

No século XXI, o conceito evoluiu para atingir também alvos móveis ou dinâmicos em tempo real (*Real-Time Target Acquisition*), integrando drones (como o *Reaper* e o *Predator*), sensores espaciais, inteligência artificial e armas com guiamento híbrido (GPS, inercial e laser, como as JDAM).

Essa doutrina não teve um único autor, mas sim vários:

William Perry: Secretário de Defesa dos EUA (1994-1997) e arquiteto da Second Offset Strategy, fundamentou a integração de redes de dados e sensores ao armamento.

Andrew Marshall: Lendário diretor do Office of Net Assessment (ONA) do Pentágono por décadas. Foi o grande idealizador do conceito de Revolução nos Assuntos Militares (RMA), teorizando como a tecnologia de precisão transformaria a natureza da guerra.

John Warden (Coronel da USAF): Desenvolveu a Teoria dos "Cinco Anéis Concêntricos" (*Five Rings Theory*), argumentando que o uso de precisão deveria focar no centro de

2 *A Guerra do Yom Kippur mostrou aos EUA, através da experiência israelense no Sinai contra o exército egípcio, que ataques aéreos massivos enfrentando baterias de mísseis e canhões antiaéreos automáticos guiados por radar podiam provocar enormes perdas nos aviões atacantes.*

3 *A Primeira Estratégia de Compensação (First Offset Strategy) foi estabelecida nos anos 1950 por Dwight Eisenhower para neutralizar a superioridade numérica da URSS e seus aliados do Pacto de Varsóvia com a supremacia das armas nucleares americanas como arma de dissuasão.*

comando do inimigo (a liderança) para paralisá-lo, em vez de se concentrar na destruição de suas linhas de frente.

As aplicações práticas dessa doutrina incluem:

Operação Tempestade no Deserto (1991): Destruição cirúrgica de *bunkers*, redes de comunicação, nós de radar e refinarias do Iraque nos primeiros dias da campanha.

Operação Força Deliberada (Bósnia, 1995) e Operação Força Aliada (Iugoslávia, 1999): Uso intensivo de armas de precisão para forçar concessões políticas e minimizar danos colaterais civis.

Munições JDAM[4] e sensores múltiplos (anos 2000–presente): Uso massivo de *kits* JDAM no Afeganistão e no Iraque, transformando bombas de queda livre em munições guiadas por GPS, capazes de atuar em qualquer condição meteorológica.

A DOUTRINA DE "CHOQUE E PAVOR" (SHOCK AND AWE)

Formalmente denominada *Rapid Dominance* (Domínio Rápido), a doutrina *Shock and Awe* foi desenvolvida em 1996 na National Defense University (NDU) dos Estados Unidos.

A ideia central nasceu da necessidade de repensar o emprego da força militar após a Guerra Fria. O objetivo era vencer um adversário de forma decisiva e ultrarrápida, minimizando as baixas próprias e as do inimigo. Para isso, o foco recaía sobre a destruição da infraestrutura logística e de comando adversária, como redes elétricas, antenas de transmissão, bancos de dados, prédios governamentais e quartéis-generais das Forças Armadas. A intenção era induzir o pânico entre as lideranças, isolando-as do restante do país e das tropas no terreno, levando-as à rendição por falta de comando e controle.

Ao contrário da *Precision Strike* (uma doutrina técnico-operacional de emprego de poder de fogo), a *Shock and Awe* é uma doutrina sociopsicológica e estratégica voltada à paralisia decisória e comportamental.

O conceito se inspirou em eventos de impacto psicológico e tecnológico avassalador, como os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki (1945) e o auge da *Blitzkrieg* (1940-1941), que despertaram profunda fascinação e admiração em gerações de militares americanos. Dessa forma, a doutrina pretendia utilizar o domínio da informação e a precisão técnica para saturar e colapsar a percepção do comando inimigo, impossibilitando-o de reagir e combater.

---

4 *Munições Joint Direct Attack Munitions (Munições de Ataque Direto Conjunto). Não são bombas comuns; contam com sistemas próprios de navegação para melhorar a precisão contra os alvos a serem atingidos. São as "bombas inteligentes" guiadas por estabilizadores, computadores de bordo, GPS, para operar em quaisquer condições climáticas.*

A evolução desse conceito nos anos 2000 esteve diretamente associada à aplicação de forças integradas nos domínios terrestre, aéreo, marítimo, cibernético e espacial[5], atuando em ritmo simultâneo e vertiginoso.

Os mentores desta doutrina foram Harlan K. Ullman e James P. Wade, que publicaram a obra seminal *Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance*, em 1996.

Os princípios básicos dessa doutrina são:

Conhecimento Total do Cenário (Total Knowledge): Saber mais sobre o inimigo do que ele próprio sabe.

Rapidez (Rapidity): Agir em uma velocidade tal que o ciclo de decisão do inimigo (o famoso loop OODA) não consiga acompanhar ou compreender a situação ao seu redor.

Brutalidade/Massa de Controle (Control of Brilliance): Capacidade de aplicar força esmagadora em múltiplos pontos vitais simultaneamente.

Paralisia (Paralysis): Tornar o comando inimigo impotente, incapaz de decidir, reagir ou continuar combatendo.

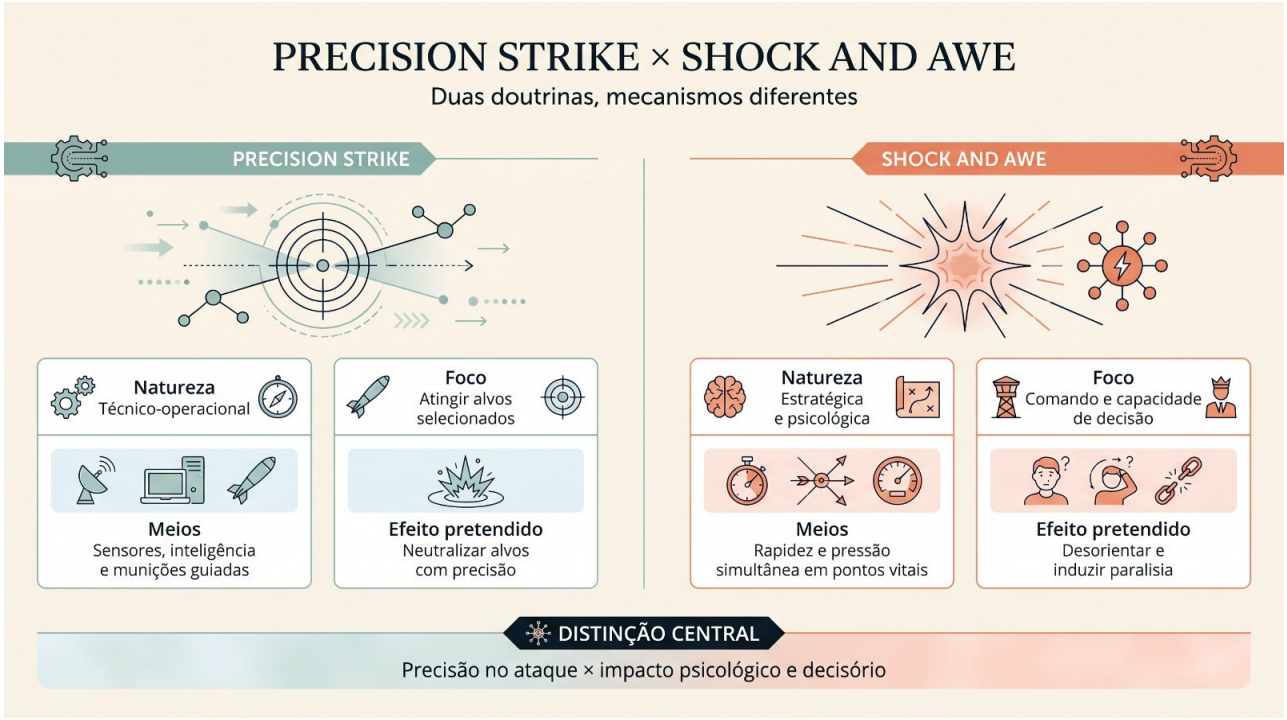


Figura 2: O Precision Strike concentra-se em atingir alvos selecionados com precisão; o Shock and Awe busca desorientar o adversário e paralisar sua capacidade de decisão (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

5 *Isso faz parte da doutrina de "Espectro de Domínio Total" (Full Dominance Spectre) que implica controle total sobre o inimigo com o domínio de cinco setores: (ar, terra, mar, cibernético e espacial). O cibernético é dominado pela destruição dos bancos de dados do inimigo, paralisando as comunicações; o espacial é realizado por satélites que bloqueiam os dispositivos logísticos inimigos e localizam alvos táticos e estratégicos para serem atingidos pelas armas guiadas, como bombas FAB, drones e mísseis.*

Essa doutrina foi aplicada tanto na invasão do Afeganistão (2001) quanto na invasão do Iraque (2003).

ANÁLISE CRÍTICA

Essas doutrinas foram elaboradas para superar a "Síndrome do Vietnã": foco na supremacia tecnológica, rapidez e precisão dos ataques contra alvos inimigos. Guerras curtas, para evitar conflitos de desgaste e as consequentes baixas humanas e materiais.

À primeira vista, pareciam ter conseguido esse objetivo, se acreditarmos nas narrativas da mídia corporativa. Contudo, os fatos diferem desses relatos. Vejamos o exemplo clássico onde as doutrinas operativas mencionadas, principalmente a Precision Strike, obtiveram maior sucesso:

1. OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO (1991)

Ocorreu no contexto da Segunda Guerra do Golfo (1990-1991), e precisamente nesse conflito o inimigo, o exército iraquiano de Saddam Hussein, acabou fazendo tudo o que as forças dos EUA e da coalizão queriam e precisavam:

A. Batalhas convencionais em campo aberto: nesse teatro de operações, os iraquianos limitaram-se a uma defesa passiva, facilitando todas as manobras possíveis para as divisões blindadas dos Estados Unidos e seus aliados, que contavam com várias vantagens tecnológicas, como o posicionamento via GPS por satélite, o que lhes proporcionou maior coordenação nas manobras no deserto e muito mais precisão em seus ataques.

B. Alvos inimigos na superfície: todos os alvos estratégicos iraquianos (quartéis-generais, bases aéreas, radares, centrais de energia, comunicações, logística, etc.) estavam na superfície e integrados a um sistema operacional centralizado. Isso facilitou, juntamente com a geografia plana e desértica do Iraque[6], a execução dos ataques aéreos aliados, que fizeram uso de sua esmagadora supremacia aeronaval, deixando os iraquianos sem defesas antiaéreas, radares, logística, comunicações ou serviços, ou seja, paralisaram totalmente sua capacidade de resposta.

C. Supremacia logística: a logística das forças americanas e aliadas funcionou sem obstáculos ao longo do conflito, tanto em terra, mar quanto no ar. O Iraque, ao contrário, possuía uma logística deteriorada e ultrapassada, somada à situação de enfraquecimento das forças iraquianas após a desastrosa guerra contra o Irã[7].

6 *A maior parte da geografia iraquiana é desértica, com exceção da região entre os rios Tigre e Eufrates. Além disso, essas planícies facilitaram os bombardeios massivos da coalizão e as manobras de grandes formações de tanques e blindados.*

D. Custos da logística americana: os Estados Unidos precisaram reunir cerca de 500.000 tropas de infantaria, o que levou quatro meses. Esse tempo foi utilizado para bombardeios aeronavais, principalmente sobre Bagdá e Basra, no Iraque, onde a infraestrutura econômica, militar, logística e de serviços foi totalmente destruída. Os custos financeiros dessa guerra foram astronômicos para a economia dos EUA, gerando alta inflação e desemprego, o que acabou custando a reeleição do presidente George Bush, que perdeu para o candidato democrata Bill Clinton em 1992.

E. Síndrome do Vietnã: ela continuava presente nas lideranças militares americanas, como Colin Powell e Norman Schwarzkopf, ambos veteranos da Guerra do Vietnã. Eles desenvolveram estratégias e táticas para evitar repetir os erros anteriores: a guerra de atrito e o grande número de baixas materiais e humanas. Para resolver e evitar esses problemas, acabaram gerando outros que foram abafados pela mídia (problemas de coordenação de grandes unidades blindadas, demoras na mobilização, custos financeiros e políticos).

F. Narrativa da "Invencibilidade Americana": criou-se uma narrativa ufanista na qual as forças americanas faziam tudo com "precisão cirúrgica" em seus bombardeios, demonstrando supremacia tecnológica incontestável e capacidade operacional como se não houvesse amanhã. E os inimigos dos Estados Unidos nunca tirariam lições desse conflito. Enganaram-se redondamente, pois havia vários inimigos que não participaram da guerra, mas observaram com muita atenção as táticas e estratégias americanas: a China, a Rússia e, especialmente, o Irã, que utilizaria esse conflito como base para elaborar sua estratégia de defesa assimétrica em Mosaico.

Analisados esses pontos, a Operação Tempestade no Deserto representou um divisor de águas, pois, depois dessa operação, os Estados Unidos nunca mais empreenderam uma missão de tamanha envergadura devido aos seus custos logísticos, de tempo empregado, financeiros e políticos. A partir dali, elaboraram-se novas doutrinas operativas que complementariam a Precision Strike com teorias sociopsicológicas, aproveitando ao máximo a supremacia tecnológica em satélites, eletrônica e poder aeronaval, usando simultaneamente o mínimo possível de efetivos terrestres para minimizar baixas, dando prioridade às forças especiais. Mas a esse ufanismo surgiria um primeiro obstáculo no leste da África.

---

7 *A Primeira Guerra do Golfo (1980-1988) foi a ruína econômica e militar do Iraque porque terminou com um elevado endividamento, forças armadas deterioradas e ultrapassadas. Depois dela, a Arábia Saudita e o Kuwait desempenharam um papel fundamental para gerar o "casus belli" que justificou outro conflito para os EUA e seus aliados perante a comunidade internacional: a invasão do Kuwait pelo Iraque.*



Figura 3: O mapa situa os locais mencionados e sintetiza os fatores geográficos e logísticos destacados na análise da Operação Tempestade no Deserto (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

2. BATALHA DE MOGADÍSCIO (1993)

Era originalmente uma operação de "captura de alvos" executada por forças especiais americanas (Rangers e Green Berets), mas acabou se transformando em um "resgate desesperado de sobreviventes" (as próprias forças especiais cercadas na cidade pelas milícias) e foram resgatadas por blindados de tropas paquistanesas da ONU.

Na origem, seria uma operação de 60 minutos para capturar dois altos oficiais da milícia de Mohamed Farrah Aidid[8], mas que, devido a:

A. falhas enormes de inteligência e reconhecimento da área de operações (não localizaram os alvos com precisão);

B. avaliação errada das forças inimigas (posicionamento exato das milícias locais);

C. despreparo para a guerra urbana assimétrica (foram cercados no meio da cidade);

D. derrubada de dois helicópteros Black Hawk na cidade;

E. falta de blindados pesados para atravessar as emboscadas das milícias nas ruas da cidade;

8 *Comandante das milícias somalis do SNA (*Somali National Alliance, *Aliança Nacional Somali) que atacaram e roubaram a ajuda humanitária da ONU, matando 24 tropas paquistanesas da ONU que trabalhavam na distribuição. A justificativa foi que ele teria entendido que a presença da ONU era uma intervenção e invasão estrangeira ao seu território.*

F. captura com vida de um dos pilotos, aparecendo isto na televisão e chegando à opinião pública americana, o que causou terrível impressão e foi o início do fim, o fracasso da operação.

O fiasco foi tão grande que, a partir daí, os Estados Unidos evitaram todo uso de tropas terrestres em operações futuras, deixando essa parte para *proxies* locais nas áreas de operações, como massa de manobra.

Para não admitir publicamente que a maior superpotência da época estava limitada pelo trauma e pelo medo de baixas no terreno (*boots on the ground*), a diplomacia americana e o Pentágono construíram uma narrativa de "sofisticação tecnológica".

A doutrina militar dos Estados Unidos passou a exigir que qualquer intervenção usasse força avassaladora, apoio da opinião pública e uma estratégia de saída cristalina. Se essas premissas não estivessem presentes, os EUA não deveriam enviar infantaria.



Figura 4: Planejada como uma operação de captura rápida, a missão transformou-se em resgate após o cerco urbano e a derrubada de dois helicópteros Black Hawk (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

3. GUERRA DA BÓSNIA (1995): OPERAÇÃO FORÇA DELIBERADA

Aqui, a prioridade dos Estados Unidos foi não expor a infantaria americana no terreno. O trauma de 18 mortos e 70 feridos em Mogadíscio e a falta de apoio popular no *front* doméstico custavam caro politicamente.

Por isso, em vez de enviar brigadas terrestres, os EUA e os aliados da OTAN desenharam uma campanha com foco no ar: bombardeios de precisão contra depósitos de munições, centrais de comunicações e artilharia dos sérvio-bósnios.

Motivada a quebrar o cerco que as milícias sérvio-bósnias (apoiadas pelo governo sérvio de Milosevic, em Belgrado) faziam em Sarajevo contra a população civil bósnia muçulmana, desta vez deixaram as milícias bósnias locais, junto com o Exército croata, encarregar-se dos combates em terra contra os proxies da Sérvia. Os Estados Unidos e seus aliados da OTAN limitaram-se a ataques aéreos para quebrar o cerco operacional de Sarajevo e conseguir a expulsão das milícias *proxies* da Sérvia do território da Bósnia.

Dessa maneira, os Estados Unidos conseguiram seu objetivo (o levantamento do Cerco de Sarajevo e a expulsão das milícias sérvias da Bósnia) sem arriscar baixas de tropas americanas. Não somente isso: os bombardeios de precisão eram feitos de uma altitude de quase 4.000 metros, bem longe do alcance dos MANPADS (lançadores portáteis de mísseis antiaéreos) e da artilharia antiaérea sérvia, para assim também evitar a derrubada de aviões de combate americanos e da OTAN.

Dois terços das missões aéreas foram de aviões americanos que partiram de porta-aviões e de bases aéreas na Itália.

Dessa forma, o combate terrestre foi terceirizado para as forças croatas e bósnias, equipadas e treinadas indiretamente por consultores ocidentais, conduzindo as operações terrestres junto com os bombardeios aéreos da OTAN.

Para evitar repetir o fiasco de Mogadíscio, as tropas americanas somente entraram na Bósnia uma vez firmados os Acordos de Dayton, no final de 1995, como “tropas de paz”.

4. GUERRA DE KOSOVO (1999): OPERAÇÃO FORÇA ALIADA

Neste caso, o motivo era a “libertação de Kosovo” por parte das forças dos EUA e da OTAN contra as forças sérvias de Slobodan Milosevic. Desta vez, levou-se ao extremo o princípio de *Zero Boots on the Ground* em busca de outra “guerra sem baixas” americana. Dessa maneira, a narrativa mostrou à opinião pública mundial que foi a primeira vez na história que se conseguiu uma vitória total somente com o poder aéreo[9].

9 *Não foi bem assim. Os efetivos terrestres, apenas as milícias de Kosovo, mostraram-se insuficientes. Por isso, foi formada na Albânia a Task Force Hawk, composta por pelo menos 5.000 soldados de infantaria, tanques, blindados e 24 helicópteros AH-64 Apache. Contudo, a mobilização enfrentou atrasos e desentendimentos entre o comando americano na Europa, liderado pelo general Wesley Clark, que defendia a entrada dessas tropas em Kosovo, e o Pentágono, que se opunha à operação. A justificativa oficial para a oposição era a perda de dois helicópteros AH-64, supostamente abatidos durante treinamentos noturnos. Essa versão, no entanto, sempre foi questionável quanto à verdadeira causa das perdas. A Task Force Hawk nunca entrou em ação. Embora esse fiasco tenha sido mantido longe dos holofotes públicos, custou a carreira do general Wesley Clark, que acabou exonerado de seu posto.*

A operação durou quase dois meses, que terminou com o bombardeio massivo de Belgrado, a capital da Sérvia, o que acabou motivando a rendição de Milosevic e a retirada dos sérvios de Kosovo.

As milícias de Kosovo encarregaram-se das operações terrestres em padrões similares aos da guerra da Bósnia, sinalizando os alvos sérvios: tanques, blindados e artilharia sérvia que cercavam Pristina, a capital de Kosovo. Novamente, as tropas da OTAN entraram como "pacificadoras" depois que Milosevic assinou a rendição.

Essa guerra foi a última em que os Estados Unidos venceram, ou seja, que conseguiram plenamente atingir seus objetivos políticos[10].



Figura 5: O mapa situa Sarajevo, Belgrado e Pristina no contexto das operações Força Deliberada na Bósnia, em 1995, e Força Aliada no Kosovo, em 1999 (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

No século seguinte, ocorreu um fato que terminou com a "narrativa da invulnerabilidade" dos Estados Unidos no coração de seu território: Nova York, em 11 de setembro de 2001. Este foi um divisor de águas na história militar dos EUA.

10 *Na realidade, os Estados Unidos e a OTAN não tinham como objetivo primordial "libertar" a Bósnia ou o Kosovo da dominação de Slobodan Milošević. Tais narrativas serviram apenas como pretextos para facilitar a desintegração política da Iugoslávia. O verdadeiro objetivo estratégico era enfraquecer o poder e a influência da Rússia na Europa Oriental. Historicamente, a Sérvia sempre foi uma aliada tradicional de Moscou. No entanto, devido aos graves problemas políticos e econômicos internos decorrentes do colapso da URSS, a Rússia encontrava-se incapaz de intervir em defesa de seu aliado histórico em Belgrado.*

5. INVASÃO DO AFEGANISTÃO (2001): OPERAÇÃO LIBERDADE DURADOURA

Pelas pressões da opinião pública em consequência do atentado contra as Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, o presidente George W. Bush decidiu ordenar a invasão do Afeganistão, pois lá se refugiou Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda, que o governo do Talibã no Afeganistão se recusou a entregar. Esse sempre foi o pretexto para a intervenção.

A invasão esbarrava em barreiras físicas intransponíveis para realizar uma invasão militar convencional:

A. Geografia hostil e isolamento: o Afeganistão é um país sem saída para o mar, cercado por montanhas gigantescas (Hindu Kush) e sem infraestrutura rodoviária que permitisse deslocar centenas de milhares de soldados americanos e tanques pesados rapidamente.

B. Apoio de forças locais: para sorte de Washington, o Afeganistão estava travando uma guerra civil que durava anos, com as milícias da Aliança do Norte opondo-se ao Talibã.

A operação foi rápida e fulminante, já que os Estados Unidos se limitaram a enviar algumas centenas de forças especiais: CIA, SEALs, Força Delta, Rangers e Green Berets. As forças *proxies* que combateram os efetivos do Talibã foram as milícias da Aliança do Norte, que se encarregaram dos combates terrestres, enquanto as forças especiais americanas sinalizaram os objetivos inimigos com *laser* para identificar os alvos para os bombardeiros B-52 e B-2, que operavam a mais de 4.000 metros de altitude.

O governo do Talibã foi deposto, mas o vazio de poder resultante não conseguiu ser substituído pelo governo *proxy* americano de Hamid Karzai, que apenas podia controlar efetivamente menos de 30% do território, limitando-se ao domínio das cidades principais e deixando o controle do interior e das regiões montanhosas ao Talibã e seus aliados.

6. INVASÃO DO IRAQUE (2003): OPERAÇÃO LIBERDADE DO IRAQUE

Desta vez, o pretexto para invadir o Iraque foi a “posse de armas de destruição em massa” por parte de Saddam Hussein[11].

11 *As supostas armas de destruição em massa jamais foram encontradas. Elas serviram apenas como pretexto para a invasão, para o controle das reservas petrolíferas do país e para a deposição de Saddam Hussein, que foi posteriormente capturado, julgado e executado. No entanto, o objetivo geopolítico primordial, além do controle energético, era o cerco estratégico ao Irã: pressionando sua fronteira oeste a partir das novas bases americanas no Iraque, e sua fronteira leste a partir das instalações militares no Afeganistão.*

Para dita invasão, empregaram-se 250.000 soldados americanos[12]. Aqui novamente se utilizaram as doutrinas de Precision Strike e Shock and Awe. No início, o resultado foi espetacular: o Iraque havia sido bombardeado por anos a fio, sem parar, desde 1991, com exclusão do espaço aéreo, destruindo continuamente bases militares, infraestrutura, oleodutos e centrais de energia para que o Iraque não se recuperasse economicamente. Em poucos dias, entraram em Basra e depois em Bagdá.

No entanto, surgiu um vazio de poder tanto político quanto militar. Com a queda de Saddam Hussein, não se pensou em como ocupar esse espaço, muito menos nmo que fazer com a Guarda Republicana, que foi dissolvida. Esse exército não desapareceu; se tornou insurgente contra a ocupação militar americana. O que parecia fácil virou pesadelo político e militar.

Por esse motivo, os americanos e seus *proxies*, tanto no Afeganistão quanto no Iraque, limitaram-se a táticas de contrainsurgência contra milícias e grupos insurgentes, expondo mais do que nunca a sua notória incapacidade de combater uma guerra assimétrica, devido ao fato de que seus aviões, helicópteros, tanques, blindados e transportes, artilharia e mísseis estavam preparados para guerras convencionais de curta duração contra exércitos que também combatiam de maneira convencional, onde supostamente a supremacia tecnológica, econômica e militar americana conseguiria se impor com facilidade, ignorando os avanços tecnológicos dos russos e chineses já no século XXI.

As guerras do Afeganistão e do Iraque tinham certas semelhanças com as guerras coloniais do século XIX e início do século XX que os europeus fizeram na África e na Ásia.

Apesar das visíveis falhas dos EUA e de seus aliados da OTAN, nada se fez, na verdade, para flexibilizar a capacidade operacional das forças americanas. Decidiu-se, ao contrário, formar exércitos como o iraquiano e o afegão à imagem e semelhança do exército dos Estados Unidos, sendo isto um absurdo desperdício de recursos dos contribuintes americanos, que culminou em enormes fracassos por não ter objetivos políticos precisos em ambos os casos.

Enquanto tudo isso ocorria, as capacidades defensivas do Irã foram se desenvolvendo e se preparando para uma eventual invasão. Por isso, as forças armadas iranianas foram subestimadas, como veremos a seguir.

12 *Vale lembrar que, em 1991, durante a Operação Tempestade no Deserto, foram mobilizadas cerca de 500.000 tropas americanas para expulsar os iraquianos do Kuwait, um território várias vezes menor que o do Iraque. Em 2003, diferentemente do cenário de 1991, optou-se por uma estratégia de economia de forças, visando reduzir a logística e os custos financeiros. Contudo, houve uma falha gravíssima no planejamento estratégico do "dia seguinte".*



Figura 6: Afeganistão e Iraque ilustram como geografia, escala de tropas e participação das forças locais moldaram as campanhas e seus desafios posteriores (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

OPERAÇÃO FÚRIA ÉPICA (EPIC FURY)

Nenhum presidente americano jamais havia autorizado algo semelhante: o bombardeio de Teerã, em conjunto com a Força Aérea Israelense, tendo como objetivos a eliminação do Aiatolá Khamenei e de sua família, a destruição do quartel-general da Guarda Revolucionária e do Serviço de Inteligência Iraniano, além de alvos civis, com o intuito de provocar pânico na população.

O objetivo era colapsar definitivamente o Estado iraniano com um ataque aéreo demolidor, privando-o de qualquer capacidade de ação, defesa e coordenação, e mergulhando o país no caos interno. Com a decapitação das lideranças políticas, militares e de inteligência, os Estados Unidos e Israel estavam convencidos de que o ataque fora um tremendo sucesso. Essa foi, inclusive, a narrativa veiculada pela mídia corporativa e por grande parte das redes sociais.

O ataque se baseou nas doutrinas Precision Strike e Shock and Awe, as quais, sem que seus idealizadores percebessem, já estavam obsoletas a esta altura do século XXI. Por quê? Porque tinham como elemento e fator principal a surpresa para obter êxito. Para que isso ocorresse, era necessário levar os centros inimigos de Comando e Controle (C2) a um colapso total. Sem Comando e Controle, não há força armada no mundo que possa continuar combatendo, pois perde toda a capacidade de coletar informações, avaliar situações, tomar decisões operacionais e comunicá-las às demais unidades.

O objetivo inicial da operação foi um rotundo fracasso pelos seguintes motivos:

A. Tanto os Estados Unidos quanto Israel já haviam perdido o fator surpresa havia muito tempo, pois, pela primeira vez, depararam-se com um inimigo que tinham subestimado excessivamente e que se preparava para esse tipo de ataque há mais de 30 anos.

B. Ocorreram falhas críticas de inteligência militar, tanto HUMINT[13] quanto ELINT[14], porque nunca conseguiram entender ou antecipar a defesa assimétrica em mosaico dos iranianos, contando sempre com uma supremacia aérea e naval que, neste cenário, não lhes serviria de nada.

C. Essas falhas de inteligência levaram inevitavelmente a erros de planejamento e de flexibilidade operativa, pois sempre contaram com o sucesso do primeiro ataque, em 28 de fevereiro. Mas o que fariam se esse ataque não provocasse o colapso iraniano? Isso nunca foi contemplado. Esse foi o erro fatal: a falta de planos alternativos para o caso de o ataque inicial fracassar, o que de fato ocorreu.

D. Por décadas, a partir de 1945, os Estados Unidos sempre contaram com supremacia aeronaval em todas as guerras em que intervieram, mantendo sua logística funcionando sem contestação por parte de nenhum inimigo. Agora, pela primeira vez desde 1942, suas bases navais e aéreas, além dos radares do CENTCOM[15], foram totalmente inutilizadas, deixando as forças americanas sem logística, ou seja, sem munições, combustível, alimentos e provisões.

Dessa maneira, de nada serviu possuir supremacia marítima quando os navios não têm acesso a bases navais como a de Bahrein, sede da 5ª Frota. Uma vez que estas se tornaram totalmente inoperantes com a destruição de guindastes, depósitos de combustível e de munição, perdeu-se a possibilidade de reabastecimento. As unidades navais foram forçadas a recuar para mais de 400 km do Estreito de Ormuz, dependendo agora da base naval de Diego Garcia, a mais de 3.300 km de distância, no Oceano Índico.

E. Essa incapacidade operativa da Marinha dos EUA expôs a crescente obsolescência e defasagem tecnológica da maioria de seus navios. O cenário é agravado pelo fato de que seus navios de apoio logístico e cargueiros auxiliares possuem, em sua maioria, mais de 50 anos de antiguidade, tendo sido fabricados na década de 1970.

13 *Inteligência humana realizada por agentes no terreno de operações.*

14 *Inteligência eletrônica visando anular o sistema de informações inimigo. No caso das contramedidas iranianas, como esteganografia, rádios de baixa frequência, etc., foi possível limitar a eficácia cibernética dos EUA.*

15 *Centro de Comando de Operações dos Estados Unidos no Oriente Médio, sediado no Catar.*



Figura 7: O mapa situa o Estreito de Ormuz, o Bahrein e Diego Garcia no contexto da discussão sobre bases e logística naval (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

F. O cenário nas bases aéreas não foi diferente: com a destruição das pistas de pouso e decolagem, bem como dos depósitos de combustível e munição, essas instalações perderam totalmente sua utilidade operacional. Para agravar a situação, aeronaves de reabastecimento em voo KC-135 Stratotanker foram destruídas, impossibilitando operações aéreas de longo alcance.

G. Os ataques com enxames de drones, mísseis balísticos e de cruzeiro evidenciaram a rigidez operacional das forças americanas, que continuam sem capacidade de lidar com guerras assimétricas de atrito. Isso se deve aos elevados custos de fabricação e reposição de munições e sistemas antiaéreos que, além de insuficientes, não possuem a funcionalidade necessária para se adaptar a ataques massivos e saturados.

H. As Forças Armadas dos Estados Unidos permanecem totalmente dependentes do complexo industrial-militar do Pentágono, que privilegia o superfaturamento baseado em tecnologias avançadas. Tais tecnologias raramente se atentam à funcionalidade real dos sistemas nos campos de batalha, focando primordialmente nos lucros. Como nas guerras anteriores, esses sistemas eram pouco utilizados em cenários de saturação[16].

16 *Vale lembrar que, no Iraque e no Afeganistão, as milícias locais e o Talibã, respectivamente, limitavam-se a hostilizar bases americanas e postos avançados com morteiros e lança-granadas. Nada além de armamento de baixo calibre e alcance reduzido. Em contrapartida, o Irã conduziu ataques com enxames de drones e mísseis de curto, médio e longo alcance, incluindo vetores balísticos e de cruzeiro. Essa saturação levou os sistemas de defesa antiaérea americanos ao limite da exaustão, expondo de forma cristalina suas limitações operacionais e a falta de funcionalidade diante de uma guerra de atrito assimétrica.*

Essas falhas eram passíveis de camuflagem e minimização perante a mídia e a opinião pública, mas, ao serem expostas a enxames de drones, tornaram-se impossíveis de dissimular.

CONCLUSÕES

As doutrinas Precision Strike e Shock and Awe eram altamente avançadas para os anos 1990, época em que tiveram seu auge contra forças armadas convencionais. Esses adversários não possuíam estruturas militares, tecnológicas ou logísticas capazes de enfrentar ou neutralizar as doutrinas americanas, que pareciam invencíveis para seu tempo.

Contudo, a partir do século XXI, essas doutrinas começaram a enfrentar suas primeiras limitações ao tentar se adaptar às características das guerras assimétricas. Isso ocorreu devido à falta de objetivos estratégicos claros, falhas em inteligência humana e à excessiva dependência da tecnologia e do apoio aéreo. Apesar dessas falhas evidentes, as lideranças militares do Pentágono pouco fizeram para aprimorar, corrigir ou repensar essas doutrinas operativas.

Elas ainda podem ser eficazes contra adversários que carecem de capacidades de defesa assimétrica, tal como ocorreu na Venezuela, durante a Operação Lança do Sul, em janeiro de 2026. Nesse caso, com o emprego da doutrina Shock and Awe, os Estados Unidos alcançaram o “domínio completo do espectro”, levando os comandos militares, políticos, de comunicações e de inteligência a um colapso operacional sem capacidade de resistência. A operação resultou na captura de Nicolás Maduro e sua esposa, que foram levados e julgados nos EUA. Maduro foi substituído pela vice-presidente Delcy Rodríguez, que, por sua vez, fez concessões na área do petróleo, o objetivo estratégico da missão, negando assim aos chineses o acesso a tais hidrocarbonetos e consolidando a hegemonia política, militar e econômica dos Estados Unidos no Caribe.

Contudo, o erro fatal foi confundir o Irã com a Venezuela, e o Caribe venezuelano com o Golfo Pérsico e o Estreito de Ormuz. São contextos geográficos, políticos, econômicos e estratégicos totalmente distintos, sobretudo porque os Estados Unidos enfrentaram os iranianos em terrenos escolhidos por estes últimos. Neles, o fator surpresa nunca existiu (o Irã se preparou por mais de 30 anos), o que levou Washington a deixar suas linhas e bases logísticas de suprimento desprotegidas, com as consequências já explicadas.

Desta vez, depararam-se com a doutrina operacional iraniana de defesa assimétrica em mosaico, que se materializa na aplicação de estratégias de Negação de Acesso e Negação de Área (A2/AD) [17]. Essa doutrina dilui e inviabiliza a precisão dos ataques, pois os alvos estão dispersos e o fator surpresa desaparece. Dessa forma, torna-se impossível

atingir o “centro de gravidade” inimigo apenas com ataques aéreos, que perderam sua eficácia. Consequentemente, conceitos como o “Domínio Total do Espectro” e Shock and Awe perderam seu objetivo inicial e sua razão de ser.

O Precision Strike também se torna obsoleto ao enfrentar um severo dilema matemático: o uso de mísseis balísticos e de cruzeiro caríssimos e sofisticados para atingir sistemas de baixo custo e alta funcionalidade. Isso torna logisticamente e financeiramente inviável a reposição de armas e munições, comprometendo a sustentabilidade econômica da continuidade do conflito.

Assim, na Operação Fúria Épica, os Estados Unidos e Israel enfrentaram, com excesso de confiança, um inimigo iraniano que os aguardava. O Irã possuía maior flexibilidade operativa, conhecimento e aproveitamento intensivo do terreno a seu favor, por meio da defesa assimétrica em mosaico. Essa estratégia conta com elevada descentralização e negação de área e de alvos, visto que grande parte de suas instalações está em bases subterrâneas com mais de 80 metros de profundidade.



Figura 8: A matriz sintetiza as condições que favorecem essas doutrinas e as vulnerabilidades que surgem diante de uma defesa assimétrica (imagem gerada com apoio de inteligência artificial).

Além disso, o Irã possui um complexo industrial capaz de fabricar drones e mísseis de todos os tipos, em quantidade e qualidade, com menor custo, maior funcionalidade e mais rápida capacidade de reposição. Esse é um fator crucial na guerra de atrito conduzida pelos iranianos contra os EUA. Para completar, os iranianos contam com o apoio da China e da Rússia nas esferas tecnológica, logística e de satélites (BeiDou-3 e GLONASS, respectivamente), o que de fato pegou os americanos de surpresa.

Essas doutrinas operativas americanas funcionam em guerras rápidas e contra inimigos que carecem de defesas assimétricas, enxames de drones, mísseis e satélites. Contudo, contra o Irã, elas demonstraram estar obsoletas para os conflitos atuais, como os da Ucrânia, do Golfo Pérsico e do Estreito de Bab el-Mandeb. Nesses cenários, os enxames de drones e mísseis ditam o ritmo e as condições dos campos de batalha nesta etapa do século XXI.

Trata-se de um divisor de águas que mudou totalmente as táticas e estratégias de guerra em relação ao que se conhecia no século passado. Não é uma tendência passageira, mas uma realidade consolidada, que deve ser levada em conta pelos países do Sul Global, entre eles o Brasil.

A relutância e a dificuldade dos Estados Unidos em conduzir uma operação terrestre ou anfíbia em território iraniano provam que, apesar das narrativas em contrário, a "Síndrome do Vietnã" não foi superada e está longe de ser definitivamente superada.

BIBLIOGRAFIA

1. **ULLMAN**, Harlan K.; **WADE**, James P. *Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance*. Washington DC: NDU Press, 1996.

2. **PERRY**, William J. *Desert Storm and Operation Restore Hope*. In: Foreign Affairs: America & The World. Volume 71, No. 1, 1992.

3. **CLAUSEWITZ**, Carl von. *Da Guerra*. Livro 1, Capítulos 1 e 7: A Fricção na Guerra.

4. **ETZIONI**, Amitai. *The A2/AD Threat to Global Security*. Parameters, US Army War College, 2016.

5. **WATT**, Barry D. *The Changing Character of Warfare*. CSBA 2019.

***Daniel Narciso Beamurguia** nasceu em Buenos Aires em 1965. Formou-se em Direito na Universidade de Buenos Aires em 1988 e dedicou-se ao exercício da advocacia. Desde 1995, vive em Santa Catarina, no Brasil, e exerceu várias atividades no setor de turismo e de empresas de condomínios. Autor dos livros "Franz Halder: o Mito da Wehrmacht" e "O Caminho do Oriente", ambos publicados como e-books na Amazon, é membro e colaborador da Comunidade da Escola do Canal Arte da Guerra, do Canal GRU! Geopolítica em Ação e do Blog Velho General.*